



**ATOS NÃO SILENCIADORES: O AUDIOVISUAL COMO RECURSO E CRÍTICA SOCIAL.
ENTREVISTA COM ROBERTA FERNANDES E RODRIGO CERQUEIRA**
***NON-SILENCED ACTS: AUDIOVISUAL AS A RESOURCE AND SOCIAL CRITIQUE.
INTERVIEW WITH ROBERTA FERNANDES AND RODRIGO CERQUEIRA***

[10.29073/naus.v6i2.870](https://doi.org/10.29073/naus.v6i2.870)

RECEÇÃO: 19 de dezembro de 2023.

APROVAÇÃO: 19 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 28 de dezembro de 2023.

AUTOR/A 1: Vanessa Cavalcanti , Universidade Federal da Bahia, Brasil, vanessa.cavalcanti@ufba.br.

AUTOR/A 2: Ana Sani , Universidade Fernando Pessoa, Portugal, anasani@ufp.edu.pt.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Roberta Fernandes — Jornalista e diretora de cinema, tem seu trabalho diretamente ligado a temas sociais. Foi vencedora do Grande Prêmio Canal Brasil de Curtas 2018 com “Se Você contar”, um filme sobre abuso sexual infantil que participou de festivais no Brasil e no exterior. Dirigiu também para a televisão os documentários “Congo Santo” e “Acerca da Pele”. Em 2023, estreou no cinema seu primeiro longa-metragem, Ato Final, um documentário sobre o feminicídio e com Prêmio LISBIFF 2023. Diretora da Andaluz Filmes — <http://www.andaluzfilmes.com.br/>

- ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3069-8832>
- Email: roberta@andaluzfilmes.com.br



Rodrigo Cerqueira — Jornalista, doutor em História e documentarista. Trabalhou como repórter do jornal O Globo entre 1999 e 2003, e como professor e pesquisador entre 2005 e 2017. Dirigiu as séries de TV “Relatos Ausentes” e “Sou Casaca”, exibidas no Canal Futura, e codirigiu os documentários “Congo Santo” e “Acerca da Pele”. Atuou como montador e produtor executivo em várias outras produções, incluindo o longa-metragem Ato Final. Diretor da Andaluz Filmes — <http://www.andaluzfilmes.com.br/>

- ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6827-0719>
- Email: rodrigo@andaluzfilmes.com.br



Ana Isabel Sani — Professora Associada com Agregação da Universidade Fernando Pessoa (UFP), Portugal. Título de Agregado em Estudos da Criança e Doutorada em Psicologia da Justiça pela Universidade do Minho (UM); Investigadora integrada no Centro de Investigação em Estudos da Criança na UM. Cooordenadora do Observatório Permanente Violência e Crime (OPVC) da UFP. Membro da Open Council of Europe Academic Networks (OCEAN). Desenvolve investigação nos temas da vitimação e proteção da criança. Os estudos centram-se no fenómeno da violência doméstica (crianças e mães) e a sua ligação ao apoio psicossocial (intervenção psicológica e de estruturas sociais de apoio), segurança (forças de policiais) e sistema de justiça (promoção e proteção da criança e justiça criminal).

- ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1776-2442>
- Email: anasani@ufp.edu.pt



Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti — Historiadora e professora universitária, com experiência de mais de trinta anos no campo da educação, estudos feministas e direitos humanos. Doutorado em Direitos Humanos e Relações Internacionais pela Universidade de León (Espanha) e estágios pós-doutorais em Humanidades pela Universidade de Salamanca, Espanha (CAPES e CNPq). Docente permanente ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia. Integrante do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto e no Centro de Investigação em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária da Universidade do Algarve (Portugal).



ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5689-8206>

Email: vanessa.cavalcanti@ufba.br



PARA COMEÇO DE CONVERSA, UMA INTRODUÇÃO

Entre Salvador, Porto e Coimbra, Roberta Fernandes e Rodrigo Cerqueira foram acompanhados em lançamentos, atividades acadêmicas e percorrendo experiências. Novembro e dezembro assinalaram os tempos de maior intensidade e a entrevista objetiva captar justamente esse momento tão profícuo e percurso pós-produção, em fase de larga divulgação do documentário Ato Final (Andaluz Filmes, 2023) e da trajetória de premiação (Lisboa Indie Film Festival, LISBIFF 2023) e expansão de público do filme para além do brasileiro. A divulgação ocupou espaços universitários, como a Sessão fílmica e debate¹, na Universidade Fernando Pessoa (Porto) e no Gender Work Series, na Universidade de Coimbra².



FONTE: Sessão na Universidade Fernando Pessoa, dezembro de 2023.

Com ampla divulgação no Brasil, a dupla chegou a Portugal dentro do contexto festivo e de incentivo às novas produções (sejam nas modalidades de documentários, animações ou filmes experimentais) e celebração de artistas independentes. No intervalo de um mês — lançamentos com rodas de debates em várias cidades — e o reconhecimento em primeira mão no estrangeiro.

Com uma história em comum, dois jornalistas se reuniram com a intenção de contar histórias em imagens e tecer críticas sociais. Iniciada em 2016, a dupla fundou uma produtora (Andaluz Filmes) e tem como fundamentos de ação a tripé olhar, contar e transformar. As experiências utilizam linguagem audiovisual e convidam para um olhar



incomodado, de estranhamento e de troca de lugares. Afirmam que contam “histórias sobre coisas que talvez você conheça, mas nunca olhamos para elas como da última vez”.

O segundo estímulo (contar) também revela a noção de público ampliado, produzindo conteúdo em formatos, linguagens e telas. Para realização dessa premissa, o objetivo é convidar e provocar as pessoas “em todos os suportes que elas utilizam”, desde o uso aberto na internet até salas de cinemas ou mesmo nas televisões. “Ou o contrário. Ou só exista nos smartphones de quem nos segue nas redes sociais. Sendo uma boa história que mexeu com o nosso olhar, nós vamos querer contar”.

Por último, e não menos relevante, transformar e, por isso mesmo, diálogos como recursos basilares. Mencionam os dois o estímulo: “Saímos às ruas com nossos olhares inquietos para contar histórias que tirem as ideias do lugar em que elas costumam estar. Quando ligamos a câmera, não estamos apenas olhando o mundo, estamos interferindo nele”.

SOBRE EXPERIÊNCIAS AUDIOVISUAIS

AIS e VRSC: Depois de curtas, entrar na linha documentário é uma passagem importante não só do ponto de vista profissional, mas também pessoal e fortalecimento de eixos temáticos de cariz mais social. Começamos, portanto, pelo “Ato Final” (2023, Andaluz Filmes). O que representa essa mudança de olhares, tempo e produção?

RF e RC: Do ponto de vista profissional, essa mudança marca um evidente aprimoramento, refletindo a formação que as experiências anteriores nos proporcionaram. Estamos construindo uma carreira que segue um curso bastante comum no meio audiovisual. Começamos com filmes pequenos, de baixo orçamento. Eles foram bem-sucedidos no mercado, o que possibilitou chegar a produzir este longa-metragem que é “Ato Final” (Documentário, 73 minutos, cor, 2023). Ao olharmos para essa sequência de trabalhos, percebemos que, mesmo não tendo sido algo planejado, pode-se ver um padrão a se construir. Se relaciona e tem a ver com nossa postura diante da realidade.

RF: Comecei a fazer documentário movida por inquietações de cunho social e tenho percebido que esse recorte temático se impõe a mim naturalmente ao longo dos anos. Compreendo, com isso, que a seleção de temas começa a fazer parte da minha maneira de fazer filmes, como eu questiono o que me cerca e como quero que meu trabalho contribua para mudar ou conservar o que vejo. O olhar sobre a realidade e o compromisso em transformá-la são elementos indissociáveis nos filmes que fazemos na produtora desde o primeiro, e agora já se pode ver que essa intenção está a se concretizar.



FONTE: Diretora Roberta Fernandes no set de filmagem Ato Final, 2023.

RF e RC: Do ponto de vista profissional, estamos a construir uma carreira, um portfólio. Não é comum começar com grandes produções porque é necessário ter conhecimento básico, abordagem técnica, entender como funciona o mercado e, além disso, ter recursos para o desenvolvimento de projetos. É muito difícil conseguir isso sem ter tido muito empenho anterior. Em geral, começamos com curtas-metragens, com pequenas participações em outros



trabalhos, para os poucos conseguir alcançar os maiores formatos. Isso abre caminhos para telefilmes e, consequentemente, longametragens. É muito difícil já começar fazendo longametragem. É possível, mas não é comum. Por isso, a marcação na mudança para esse formato é o caminho que fomos construindo.

RF: No meu caso, já tem algum tempo que trabalho com audiovisual e agora — depois de uma especialização — e de trabalho contínuo, consigo dirigir e produzir uma longa-metragem. Isso é fruto de uma caminhada, de um processo de amadurecimento dentro do mercado e profissionalismo também. Do ponto de vista pessoal, percebo que os temas sociais são os que me acompanham. São aqueles que me auxiliam, especialmente aqueles que foram elaborados com temática de direitos humanos e outras questões que são mazelas da sociedade. Essas escolhas mostram o meu lugar. Eu consigo compreender com isso não só a maneira como gosto de trabalhar, mas como quero trabalhar nos próximos projetos. Deste modo, sou movida por esses temas, mas não só isso. Vou percebendo como posso contribuir com esse motor. Tudo isso marca mesmo a compreensão do meu posicionamento no mercado e como eu vou pretendo desenvolver projetos e realizações futuras.

UM ATO E NOVAS EXPERIÊNCIAS

AIS e VRSC: Tendo como enredo violências de gênero em sua forma mais extremada (feminicídios), como foi a escolha de narrar entre o ficcional e o real a partir de mulheres? Lançado em novembro último e já premiado em Portugal, qual foi objetivo principal dessa produção?

RF: No filme, desenvolvo o conceito de escalada da violência em relacionamentos íntimos que, na maior parte dos casos, é o que leva ao crime de feminicídio. Desenvolvo essa hipótese no documentário com auxílio de duas linhas narrativas: uma é feita no palco com atrizes profissionais (responsáveis por expressar a subjetividade das mulheres vítimas de relacionamentos abusivos); outra é construída com a participação de mulheres sobreviventes de tentativas de feminicídio e vítimas de violência doméstica. Essas últimas contam histórias reais e apresentam em seus relatos a progressão da violência em relacionamentos abusivos.

Com essas duas linhas, tentamos lançar luz sobre o crime cometido contra mulheres por questão de gênero e, com isso, questionar a estrutura e o comportamento social machista que mata mulheres todos os dias. O filme busca uma comunicação direta com o público. Quem sai da sessão não tem dúvidas da razão pela qual mulheres são mortas por seus parceiros.



FONTE: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. [https://ces.uc.pt/imagens/44206_cartaz -
Conversa feminista com Roberta Fernandes e Vanessa Cavalcanti - web .jpg](https://ces.uc.pt/imagens/44206_cartaz_-_Conversa_feminista_com_Roberta_Fernandes_e_Vanessa_Cavalcanti_-_web_.jpg)



CIRCULANDO SABERES: O REGRESSO TAMBÉM ÀS UNIVERSIDADES

Muitas foram as experiências de viés acadêmico-universitário e aqui gostaríamos de destacar o intercâmbio realizado na Universidade Federal da Bahia, Universidade Fernando Pessoa (Porto) e Universidade de Coimbra. As conexões e as aproximações são importantes, afinal, ao reunir personagens fictícios e reais também assinalam a abertura e o uso de linguagens diferentes que podem ser utilizadas do ponto de vista acadêmico.

AIS e VRSC: Estiveram no I Simpósio Internacional sobre Feminicídios, realizado em Salvador, Bahia, no final de novembro de 2023, onde também realizaram lançamento e debate. Juntamente com outras linguagens e artes (fotografia, charges, música, cordel e vídeo-dança), a presença da Andaluz Filmes se deu por um longa-metragem. Qual o papel das artes e do documentário como recurso-linguagem-difusão de conhecimento no que se refere aos estudos sobre problemas sociais tão complexos?

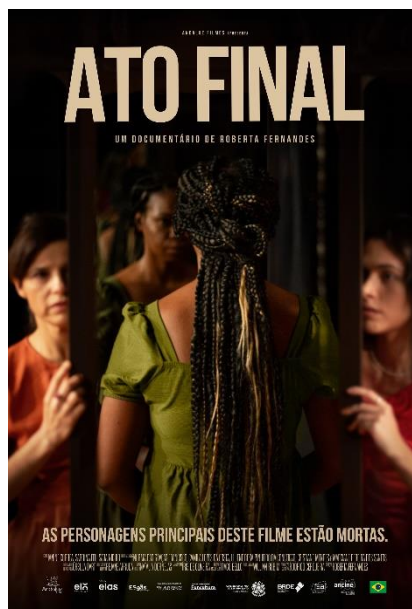
RF e RC: Nossa experiência com a exibição dos nossos filmes, seguida por debates, nos mostra que a arte tem o poder de tocar profundamente as pessoas que a acessam e que pode, se usada de maneira responsável e ética, provocar o pensamento crítico na sociedade. Esse é um passo muito importante no processo de transformação social como o entendemos e é por isso que, sempre que possível, preferimos exibir nossos filmes em lugares que permitam realizar debates após a sessão.

Nas manifestações da plateia as pessoas se reconhecem, se opõem ou se apoiam, partilham experiências, e todos se modificam de alguma maneira. Nem sempre a reflexão acadêmica ou o debate político está acessível a toda gente e é capaz de gerar efeitos como esse. Há barreiras de acesso que são menores no caso de filmes e outras artes e, por isso, essas criações podem cumprir um papel importante de transformação.



FONTE: Instagram Atofinal, <https://www.instagram.com/atofinalofilme>, 2023.

Um documentário como “Ato Final” apresenta argumentos e alguns poucos dados sim, mas vai além disso, porque toca as pessoas emocionalmente, gera identificação entre elas e as personagens, gera reflexão por vias que, na maior parte das vezes, os meios convencionais de informação não conseguem.



FONTE: Capa do documentário Ato Final. Andaluz Filmes, 2023.

RF e RC: O trabalho feito na Andaluz Filmes (produtora especializada em documentários) tem se estruturado com o olhar atento a questões sociais, quase sempre a partir de inquietações, indignações. Com isso, uma série de sentimentos bons e ruins nos acompanham nesses sete anos de trajetória.

Ao nos aprofundarmos em temas delicados e nos aproximarmos de realidades duras, de vulnerabilidades, nos propomos a sofrer, em certa medida, motivados pela crença de que os filmes que fazemos, que seguem essa linha, têm um papel social importante e por isso devem ser realizados.

Mas esse papel não é dar respostas ao público. Nós não temos resposta para a maioria das perguntas que nos fazemos durante uma produção e dificilmente temos ideia de como solucionar as questões que nos inquietam nos trabalhos. Mas as soluções podem ser construídas coletivamente, desde que façamos as perguntas certas e haja engajamento. Então, o nosso propósito é incitar que se pense sobre um tema, que se tenha empatia por quem sofre injustiças e se compreenda por que sofrem. Quando construímos um projeto, nos agarramos a esse compromisso e seguimos até o fim e é nessa hora, quando distribuimos os filmes, que temos os melhores sentimentos. É nas exibições e nos debates com o público que vemos o efeito dos filmes nas pessoas e isso não tem preço.

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.

¹ Na UFP, a sessão fílmica contou ainda com o comentário do Professor Doutor Renato Essenfelder (Jornalista, cronista, escritor e professor universitário) e a moderação do Professor Doutor Luís Santos, docente na UFP e investigador do Observatório Permanente Violência e Crime (OPVC), <https://opvcufp.com/about/>. Informações disponíveis em <https://www.ufp.pt/sessao-filmica-e-debate/>

² Na sessão de dezembro de 2023 do GenderWorkSeries. Informações disponíveis em <https://ces.uc.pt/pt/agenda-noticias/agenda-de-eventos/2023/conversa-feminista-com-roberta-fernandes-e-vanessa-cavalcanti>